

Regina Celeste \*

# Relato de Experiências

**Apresentado na  
I Jornada de Educação Especial  
Rumos da Integração — UNI-Rio  
Rio de Janeiro - Outubro / 1996**

O tema desta jornada “Os Rumos da Integração” é extremamente delicado e merece profundas reflexões. Sei que as minhas palavras acontecerão de maneira diferente em cada pessoa aqui presente e isso é muito bom. Prova que as diferenças começam por nós. Ah! Com certeza, às vezes sinto vontade de gritá-las.

Acordarei algumas interrogações. Afinal, as respostas que encontrei a partir delas, fizeram adormecer palavras como: impossível, não pode, filtrar, abstrato demais e tantas outras... Hoje, dou essas interrogações de presente para vocês: – Como posso ensinar a alunos surdos, se mal conheço o seu silêncio nas relações cotidianas? Que silêncio é esse? Como essas relações

acontecem? Qual é a história do meu aluno surdo?

Quanto mais aprofundava essas indagações, mais sentia vontade de mergulhar no universo de diferenças do surdo. Assim, surpreendia-me buscando o silêncio de alguma forma: Ora tirando o som da televisão e tentando entender o que as pessoas diziam. Em outros momentos, utilizava chumaços de algodão nos ouvidos, experimentando variadas sensações. Outras vezes, vinha cedinho nadar nas águas tranquilas da Urca e mergulhava com os ouvidos tampados, sentindo o silêncio externo a mim. Essas impressões levaram-me a um estado de solidão naquilo que fazia com o surdo... No silêncio, entre as bocas que se mexiam, eu pude

*\* Professora de  
Língua Portuguesa  
Especializada em Literatura  
Infanto-Juvenil  
(Lato-Senso - URFJ)  
Especializada em  
Deficiência Auditiva*

perceber que precisava renascer; não nas águas do mar, estas já me satisfaziam, mas nos caminhos da troca que exercia com os meus alunos. Foi quando descobri que o respeito e a liberdade de poder exercitar essas diferenças eram fundamentais, para que o dualismo ensino/aprendizagem pudesse acontecer de fato. Mais ou menos assim: Eu respeito as diferenças do aluno surdo e trago-o para o espaço de igualdade.

A minha curiosidade aumentava... aumentava. Sem dúvida, ser professora de surdo significa trabalhar o tempo todo com a curiosidade. Abro um parêntese: A língua de sinais causa-me múltiplas emoções, os gestos dos surdos levam-me a variadas sensações, as especificidades do seu cotidiano surpreendem-me. A língua de sinais representa mais que uma estética corporal, é o principal instrumento para o desenvolvimento cognitivo da pessoa surda. Através dela os

# REFLEXÕES SOBRE A PRÁTICA

INES

ESPAÇO

MAR/97

66

***“A língua de sinais representa mais que uma estética corporal, é o principal instrumento para o desenvolvimento cognitivo da pessoa surda.”***

surdos aprendem e recriam o mundo. Desta forma, comecei observar cada detalhe: conversas informais na hora da merenda e nos intervalos, comportamentos do dia-a-dia nas ruas, as brincadeiras, gozações, sonhos e desejos, a rigidez, o espírito hierárquico, a cumplicidade cerrada entre os grupos, as paqueras e as piadas nas mesas dos bares, dentre tantas outras coisas. Tudo isso se aprofundava em mim e cada vez mais nos tornávamos cúmplices. Eu segredava esta cumplicidade com Paulo Freire; afinal, já estávamos bastante íntimos em cada linha escrita que trocávamos: “A cultura não é apenas a manifestação artística ou intelectual que se expressa através do pensamento; a cultura se manifesta acima de tudo nos gestos mais

simples da vida cotidiana. Cultura é comer de maneira diferente, é dar a mão de maneira diferente, é relacionar-se com o outro de maneira diferente... Cultura, para nós, insisto, são todas as manifestações humanas, inclusive a cotidianidade, e fundamentalmente na cotidianidade está a descoberta do diferente, que é essencial... O essencial é o diferente, o que nos torna diferentes”.

Precisei deixar de ser falante da língua portuguesa, para passar a vivenciar esse universo cultural do surdo e tornar a ser novamente professora de surdo dentro de uma filosofia bilíngüe. O interessante é que quanto mais bilíngüe eu me tornava, mais descobria as possibilidades de criação do meu aluno. As abstrações tornavam-

***“Precisei deixar de ser falante da língua portuguesa, para passar a vivenciar esse universo cultural do surdo e tornar a ser novamente professora de surdo dentro de uma filosofia bilíngüe.”***

se aladas e voavam em consonância com o real. A criatividade ganhava mais liberdade e a riqueza das imagens e dos significados passavam a ser um fundo sem fundo. O português, a segunda língua para os meus alunos surdos, como para qualquer surdo, ficava mais fácil de ser ensinada.

Hoje, sou plenamente bilíngüe. Desta forma, o meu trabalho escorre pelas veias do ensino especial para o surdo. Eu, a Professora Elizabeth, meu parceiro de trabalho, um instrutor surdo, tão professor quanto eu, dinamizamos leitura no Espaço de Biblioteca Juvenil do Instituto Nacional de Educação de Surdos. Trocamos nossas experiências, nossas emoções, nossas descobertas e as devolvemos para os alunos. Posso garantir a vocês que não existe maior e nem melhor integração do que esta que estamos vivenciando: Eu/Surdo/Professora Elizabeth/alunos/escritores e poetas/realidade social/Instrutor.

Vocês já viram um surdo construir poesias em sinais? Vocês conhecem as rimas e os ritmos dessas poesias em língua de sinais? Vocês alguma vez puderam sentir os poros dilatarem com as imagens que as mãos acariciam poeticamente. Ah! Meus amigos, é